

O Gênero como Performance: Uma Análise sobre as Mulheres Ciganas Calon¹

Júlia Cristine Santos (UNIFAL-MG)

Palavras-chave: mulheres; feminismo; ciganos calon.

Introdução

Durante minha graduação em Ciências Sociais Licenciatura (atualmente sou reingressante do Bacharelado) na Universidade Federal de Alfenas tive a oportunidade de participar de um grupo de estudos sobre ciganos coordenado pela professora Carmem Lucia Rodrigues.

Neste grupo de estudos, lemos de forma integral a tese de doutorado *O mundo passa: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros* de Florencia Ferrari (2010).

A tese de Ferrari (2010) é uma etnografia com uma rede de parentes ciganos Calon do estado de São Paulo, sendo um importante registro dos modos de vida, da história e da cultura deste povo.

Como feminista, sempre tive apreço por estudos de gênero e sexualidade e, por isso, me interessei por conhecer a vida das mulheres ciganas Calon, as calins. Queria conhecer mais sobre seus costumes e entender o significado de ser mulher para aquelas pessoas.

Em sua tese, Ferrari (2010) identifica que os homens e as mulheres Calon têm funções específicas na construção de sua sociedade². As mulheres são responsáveis pelas atividades domésticas e pelas leituras de mão (*quiromancia*) enquanto os homens fazem o *rolo* (troca, compra e venda de mercadorias diversas).

Eles e elas costumam ter dentes de ouro e tatuagens e, enquanto as mulheres trajam vestidos longos, coloridos e com camadas, os homens vestem roupas de estilo “cowboy”.

Todas essas ações que os gêneros realizam podem ser relacionadas com os estudos feministas que entendem a feminilidade como uma performance. Segundo a tese de Judith

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² Importante frisar que as características expressas aqui são referentes às observações de Florencia Ferrari (2010) em pousos específicos e em um tempo específico (de 2007 à 2010) podendo mudar de região para região e também já ter se modificado completamente ao longo destes 14 anos.

Butler (2018), ser mulher é performar ser uma mulher e, segundo as ideias de Ferrari (2010), ser Calon é performar ser um Calon.

Além de Ferrari (2010) e Butler (2018), este texto também é fundamentado nas pesquisas realizadas por Margaret Mead em *Sexo e Temperamento* (2000). Apesar de ser um livro de 1935, ele é muito atual para entender o significado de gênero, sendo uma base importante para teorias feministas até os dias de hoje.

A ideia principal deste trabalho é desenvolver uma reflexão sobre o que é gênero e como ele se forma a partir do estudo da formação de gênero das mulheres ciganas Calon brasileiras, buscando compreender a performance que as calins realizam para afirmar tanto seu gênero quanto sua ciganidade.

É importante frisar que essa pesquisa não tem como objetivo analisar a totalidade dos Calons, principalmente porque dentro dessa etnia há inúmeros modos de vida distintos e a tentativa de homogeneizá-los não refletiria a realidade nem a pluralidade do grupo.

Além disso, a falta de estudos sobre os ciganos no Brasil somada às dificuldades que encontrei em conseguir contato com eles³ influenciaram diretamente em meus resultados. A presente pesquisa se restringe aos textos que li e à minha entrevista, nunca com a intenção de definir o todo ou de ser conclusiva.

Infância Calin

As calins meninas gozam de certa liberdade na infância, momento em que as diferenciações de gênero ainda não estão totalmente estabelecidas, porém, a performance já é incentivada desde a infância.

Ferrari (2010) comenta: “Uma menina é valorizada por sua atuação como calin. Ser menina ‘boa, trabalhadeira’ é o melhor elogio que receberá dos mais velhos” (FERRARI; 2010; p. 130)

³ Perto de Alfenas - MG existe uma concentração grande de ciganos em Poços de Caldas, além do Santuário Santa Sara Kali em Pouso Alegre; entretanto, nunca obtivemos retorno para o contato.

Apesar das crianças calins poderem usar calças e mostrar as pernas (situações que seriam impensáveis para a maior parte das mulheres adultas Calon) é evidente que desde a infância elas já são incentivadas a participar do mundo que as cerca.

É possível fazer uma correlação entre o livro *Sexo e Temperamento* da antropóloga Margaret Mead (2000) e este incentivo presente na infância Calon.

A autora afirma: “As padronizadas diferenças de personalidade entre os sexos são desta ordem, criações culturais às quais cada geração, masculina e feminina, é treinada a conformar-se.” (MEAD; 2000; p. 269)

Mead (2000) afirma que os padrões culturais que expressam as escolhas dos aspectos considerados “masculinos” ou “femininos” são aleatórios, ou seja, diferentes culturas podem atribuir o “feminino” e o “masculino” para diferentes características.

A antropóloga exemplifica isso quando aponta que, em sua cultura Ocidental, o que caracterizava as diferenças de gênero era o “sexo biológico”, mas em outras sociedades essa diferenciação poderia ser referente à cor dos olhos, por exemplo.

As escolhas aleatórias seriam construções sociais, imputadas por meio do que a autora chama de “condicionamento cultural” (p. 269), ou seja, da socialização que se inicia na mais tenra infância. Para Mead (2010), portanto, não haveria uma característica natural inata do gênero (“sexo biológico”), visto que cada sociedade designa seus próprios padrões culturais.

Ao observar a socialização das crianças Calon, é perceptível que as diferenças de “feminino” e “masculino” são ensinadas a elas, pois, se fossem naturais, estariam presentes também em todas as outras sociedades além desta e não necessitariam ser reforçadas.

Mead (2000) argumenta: “muitos, senão todos, traços de personalidade que chamamos de masculinos ou femininos apresentam-se ligeiramente vinculados ao sexo quanto às vestimentas, às maneiras e à forma do penteado que uma sociedade, em determinados períodos, atribui a um ou a outro sexo.” (MEAD; 2000; p. 268)

Vida de Mulher Calon

As vestimentas das ciganas Calon se modificam após sua primeira menstruação em que ocorre a passagem da “criança” para a “mulher”.

Segundo Ferrari (2010) elas não podem mais usar calças e passam a utilizar vestidos até para dormir, que devem ser longos e com mais de uma camada para esconder suas pernas, pois tudo que remete a parte inferior do corpo é considerado “impuro”.

Além disso, segundo a autora, essa relação com o sangue se estende no momento em que as mulheres Calon devem mostrar seu lençol sujo de sangue após a noite de núpcias de seu casamento, demonstrando que são virgens e, portanto, têm honra, são puras.

No casamento, é desejável que um primo se case com sua prima virgem e que eles tenham entre 13 a 19 anos, mas há a possibilidade de outros casamentos: *Quando não é virgem, não casa na igreja. Nossa Senhora da Aparecida vira a cara. [...] Quando não é virgem faz uma festinha, mas não um festão de três dias que nem esse [casamento demonstrado pela autora na etnografia].* (FERRARI; 2010; p. 142)

A festa pode durar vários dias e é o momento que mais se desembolsa dinheiro, que vem dos pais dos noivos. Após as comemorações e a noite de núpcias, se diz que a calin está “entregue” ao noivo. A maior parte destas festas são motivo de muita alegria, principalmente se a menina Calon seguiu as tradições e *não envergonhou seus pais*.

O termo *laje*, vergonha em *chibi*, afeta diretamente o comportamento das mulheres.

Segundo relatos analisados por Ferrari (2010), entrar numa barraca que não seja a sua em que há a presença de um homem que não seja seu marido é motivo de vergonha. Não limpar a casa com frequência é motivo de vergonha. Depilar as pernas é motivo de vergonha. Usar blusa de alça é motivo de vergonha. Ser atendida por ginecologistas homens é motivo de vergonha⁴... entre muitos outros exemplos.

É a mulher que prepara as refeições e, se falta algum alimento, principalmente quando há visitas, elas se sentem envergonhadas. Além disso, são elas que lavam a louça após as refeições.

⁴ Nas primeiras Conferências Nacionais de Promoção da Igualdade Racial (CONAPIR), realizadas em 2005 e 2009, representantes ciganos já elucidavam essa questão, afirmando a necessidade de mais ginecologistas mulheres no SUS para atender mulheres ciganas.

A limpeza é um serviço essencial na vida das calins, ser suja é motivo de vergonha.

A limpeza extrema também é observada nos banhos e na faxina da casa. Após deixarem as panelas de alumínio limpíssimas, elas as põem em evidência na barraca de forma que quando as pessoas passem por perto possam ver o brilho dos utensílios.

Calins não costumam participar das conversas dos homens, que normalmente envolvem carros, cavalos, empréstimos e dinheiro; ao invés disso, elas são responsáveis pelo espaço doméstico e pela leitura de mãos.

A leitura das mãos, ou a *quiromancia*, é uma atividade que Ferrari (2010) identifica como o ato mais performático das mulheres calin. As leituras acontecem em centros da cidade onde estão os *gadjes*, todo o espetáculo criado em cima da *quiromancia* demonstra as relações destas mulheres com a performance.

Elas sabem que os *gadjes* esperam que elas se comportem de determinadas maneiras, e, por isso agem como tal, até mesmo para sustentar a imagem de “cigana feiticeira” que vive no imaginário ocidental.

Mas aqui parece haver uma sobreposição de performances, pois à 'performance calon', que vim descrevendo até agora, que inclui o uso do corpo e da linguagem para se 'fazer calon', se soma uma 'performance cigana', que eu definiria como um modo intencional de agir baseado em como os Calon imaginam que os gadjes os veem. (FERRARI; 2010; p. 187)

É preciso salientar, porém, que a caracterização geral de mulheres ciganas Calon expressas neste trabalho não tem como objetivo generalizar a vida e os costumes das calins, uma tentativa de padronização da cultura desconsideraria as diferentes realidades e vidas destas mulheres.

As considerações feitas aqui se fundamentam, sobretudo, na etnografia realizada por Florência Ferrari entre 2006 a 2007. Até muito recentemente, este era o único trabalho em Antropologia sobre os Calon de que se tinha notícia.

Ferrari (2010) considera essa possível diversidade interna entre os Calon em seu trabalho quando menciona que existem outras comunidades ciganas da mesma etnia em que as mulheres depilam a perna e usam blusas com alça (FERRARI, 2010, p. 140). Nenhuma característica ou costume Calon seria, portanto, fixo e imutável.

O Conceito Universal de Mulher e de Machismo

É preciso esclarecer que as características expostas aqui não têm como objetivo levantar discursos sobre “machismo” ou sobre uma possível “opressão” que estas mulheres estão submetidas.

Essas ideias surgem do pensamento de que todas as mulheres, independente da cultura, vivem uma mesma opressão, o “patriarcado universal”, e buscam os mesmos objetivos.

As vivências das mulheres calins são múltiplas, não cabe a esta pesquisa falar por nenhuma delas nem as definir.

Para Butler (2018), a ideia de que existe uma opressão universal que reprime todas as mulheres já perdeu a credibilidade, não é possível acreditar que culturas com formações tão distintas exerçam a mesma opressão.

A pesquisa de Margaret Mead (2000), ainda que realizada há quase cem anos em uma área geográfica bastante distante do Brasil, demonstraria a incongruência da existência de um “patriarcado universal”: como sociedades formariam conceitos sobre gênero tão distintos se todas deveriam estar dentro deste “conceito universal de patriarcado”?

Para conhecer as mulheres ciganas Calon, não posso colocar minhas visões de mundo e minha “régua moral” nelas, pois vivem numa cultura diferente da minha e se relacionam com seu gênero de formas diferentes da que eu me relaciono na minha sociedade. Assim, meu objetivo não é julgar, mas sim compreender e conhecer aspectos da cultura das mulheres Calon.

O que pode ser afirmado aqui é que as ciganas calins em minha sociedade e cultura (ao qual elas entram em contato com alguma frequência) estão sujeitas a encontrar barreiras e sofrer violências por causa do seu gênero e de sua etnia, mas isto só é verdadeiro porque estou considerando a minha própria sociedade, não a delas.

Gênero como Performance

Os relatos de pesquisas e considerações apresentados até aqui são importantes para entender o conceito de “performance”.

Para Ferrari (2010), ciganos Calon demonstram que são ciganos através da “aparência”. Mas isto não significa que são superficiais, o interior e o exterior são os mesmos e, por isso, para se sentirem Calon, se vestem e agem de modos específicos, como numa performance: “A calonidade se mostra nas coisas quando se formula que é

preciso ‘parecer’ Calon, como condição crucial para ser Calon” (FERRARI; 2010; p. 119).

Ferrari (2010) explica esta performance que os Calon realizam a comparando com o conceito de performance de gênero estabelecido pela feminista Judith Butler:

“A concepção de performance mais próxima ao fenômeno que busco descrever é a formulada por Judith Butler (1988), em sua reflexão sobre gênero. Sua teorização traz certa vantagem teórica ao prover uma definição de performance que recusa a oposição a uma essência” (FERRARI; 2010; p. 173)

Judith Butler (2018) em seu texto *Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista* define o gênero como uma peça teatral, em que a divisão binária de gênero opera para impulsionar este teatro.

Entretanto, a autora não entende o conceito de teatro como descrito na Fenomenologia, em que há diferenciação entre uma identidade interior e outra exterior que se mostra à sociedade.

“Como performance performativa, o gênero é um ‘ato’ em sentido amplo, que constrói a ficção social da sua própria interioridade psicológica.” (BUTLER; 2018; p. 13)

Portanto, pode-se considerar que não existiria essa separação entre o *eu interno* e o *eu externo*, na verdade, não existe um eu interior, na medida que para *ser* de um gênero é necessário *atuá-lo*. A construção do gênero faz com que a performance seja identificada como uma consequência “natural”, necessária, pois já estava estabelecida antes de começar a atuar.

Segundo a autora, o gênero foi construído para que a humanidade se reproduzisse e, depois, ele foi efetivado como um sistema de parentesco. A performance só se consolida quando o ato é repetido diversas vezes.

Quem tenta performar o gênero de modo “inadequado” acaba sofrendo punições:

“Que um sentimento de angústia tome facilmente o lugar dessa garantia, e que a cultura castigue ou marginalize prontamente quem não consegue representar a ilusão de um gênero essencialista, deveria bastar como sinal de que, em algum nível, existe o conhecimento social de que a verdade ou a falsidade de gênero são apenas socialmente impostas, e de modo nenhum ontologicamente necessárias” (BUTLER; 2018; p. 14)

Assim, fica evidente a relação da performance de gênero expressa por Butler (2018) com a performance que as mulheres Calon realizam. Elas são ensinadas e incentivadas desde pequenas a se comportarem de determinados modos, observando na mãe o que devem fazer quando forem adultas.

“A performance é um ato afetivo que inclui o uso de roupas coloridas e marcas corporais, a fala do português calon, o chibi, a entonação e o volume da voz, o canto, os gestos e manifestações corporais como o choro, o desmaio, a violência, beijos e abraços, a dança; como tal, ela produz efeitos nas pessoas.” (FERRARI; 2010; p. 175)

Mas, como argumentado por Butler (2018) e Ferrari (2010), essa performance não é exterior a elas, uma “enganação”: “A aparência não é da ordem da representação, em oposição a uma essência; a aparência calon é agência.” (FERRARI; 2010; p. 121)

Assim como Mead (2000) argumenta que ser mulher é resultante de um padrão cultural, não de um determinismo biológico, Butler (2018), bem mais recentemente, define ser mulher como um ato performativo, onde não haveria uma “essência” prévia do que é ser mulher.

Desta forma, os dois conceitos se relacionam na medida em que afirmam que não há um fator natural nem uma essência no ser mulher.

A Inadaptada

Além dos padrões de comportamento descritos anteriormente é possível identificar a existência de outras formas de performance que fogem da “norma”, salientando a capacidade dos sujeitos de desenvolverem individualidades próprias que não necessariamente seguem ao grupo ao qual fazem parte.

Margaret Mead (2000) aborda esse tema no capítulo “O inadaptado” de seu livro *Sexo e Temperamento*. Segundo a antropóloga, o inadaptado⁵ inclui “qualquer indivíduo que, por disposições inatas ou acidente da primeira educação, ou mediante as influências contraditórias de uma situação cultural heterogênea, foi culturalmente cassado” (MEAD, 2000, p. 277)

⁵ Neste trabalho, identifico quem não consegue se adaptar às performances de gênero estabelecidas como inadaptados/desviantes para convergir com a definição de Mead (2000). Entretanto, é importante ressaltar que *Sexo e Temperamento* (2000) foi inicialmente publicado em 1935, ou seja, as discussões referentes à essas noções ainda não haviam sido feitas nos termos aqui analisados.

Ela caracteriza aqueles que são inadaptados por motivos outros que não os fisiológicos como “desajustados culturais”, cada sociedade tem seu próprio padrão do que é desviante de sua cultura, um inadaptado em uma sociedade pode ser regra em outra sociedade.

Para Mead (2000), em uma sociedade em que há uma diferenciação mais sólida entre papéis femininos e masculinos há também uma maior angústia daqueles que não conseguem se encaixar: “dor de haver nascido numa cultura cujas metas reconhecidas ele não pode fazer suas” (MEAD; 2000, p. 280). Para a autora, essa dor ocorre porque há uma sensação de falta de humanidade, em que se é “menos humano” por não conseguir pertencer ao grupo.

É possível identificar essa inadaptação no subcapítulo “Calon saindo” da tese de Florencia Ferrari (2010). Nele, é abordado o caso da cigana Calon Renata.

Renata é uma cigana que se casou com um cigano Calon desajustado tanto quanto ela. Os dois, apesar de morarem em barracas, têm filhos adotivos e não se adaptam facilmente à vida cigana.

Mead (2000) afirma essa necessidade dos inadaptados de se envolverem entre si, em que mulheres e homens inadaptados preferem outros inadaptados para se relacionar: “É bastante provável que esta condição ocorra na sociedade moderna, na qual, já que se acredita que o casamento deve basear-se em personalidades contrastantes, homens desadaptados amiúde escolhem mulheres desadaptadas” (MEAD, 2000, p. 286).

Renata e Caco, seu marido, não conseguem “performar ciganidade”. Renata não compartilha dos signos dos ciganos Calon, ela não gosta de viver em comunidade e prefere ficar sozinha e ter sua privacidade, enquanto Caco não consegue praticar o *rolo*, por ser inábil para os negócios e muitas vezes visto como ingênuo.

A performance que eles realizam é incompleta. Em uma sociedade com características específicas e distintas para ambos os gêneros (partindo de uma sociedade com uma visão binária) sempre haverá desviantes, pois nem todos conseguirão se encaixar nesses padrões estabelecidos:

“A presença do desajustamento [...] é inevitável em toda a sociedade que insiste nas conexões artificiais entre sexo e bravura, entre sexo e auto-estima positiva, ou entre sexo e uma preferência por relações pessoais” (MEAD, 2000, p. 289)

Entrevista com Cigana Calon Terezinha Alves

Essa entrevista foi realizada via ligação pelo Whatsapp no dia 1 de novembro de 2023, tendo 56 minutos de duração que foram gravados através de um gravador externo.

Apesar do nome “entrevista”, a conversa correu de forma livre e espontânea, sem perguntas pré-estabelecidas. A falta de perguntas estruturadas previamente se deve a um desejo meu de tornar a conversa informal, deixando a entrevistada falar sobre *o que quiser e da forma que quiser*.

Como a bibliografia sobre ciganos que eu utilizei faz, neste ano, 14 anos desde seu lançamento, identifiquei como essencial uma entrevista para trazer meu trabalho para a atualidade, além de ter a oportunidade de conversar sobre as considerações de meu texto com alguém que pertence a comunidade.

A mulher a qual conversei é parente de Aluízio de Azevedo, cigano Calon que participou da minha banca de TCC e que me ajudou em vários aspectos deste trabalho.

Terezinha Alves, hoje com 62 anos, nasceu em Guiratinga - MS sendo seu pai cigano Calon e sua mãe mineira *gadje*. Ela nasceu dentro de uma barraca e quem fez o parto foi sua avó, que era parteira. Sua mãe e seu pai se conheceram quando tinham 16 e 20 anos, respectivamente, eles se casaram no mesmo ano e continuaram juntos até o fim da vida.

Seu pai não teve estudo e sua mãe concluiu até a quinta série. Por ser alfabetizada, a mãe de Terezinha ensinou muitos da comunidade a qual pertencia a ler e a escrever, o que fez com que ela se tornasse muito querida entre eles.

Além disso, ela lia muitas histórias de romance para o seu marido:

Ele [o pai] gostava porque ela lia muito história de romance pra eles ouvirem e meu pai era meio poeta, meu pai fazia música, sabe? Ele cantava...se ele tivesse estudo eu acho que ele seria uma pessoa muito desenvolvida, ele era muito inteligente. Então ele gostava, tanto é que quando nós aceitamos Jesus e viemos pra igreja meu pai praticamente sabia tudo que estava na bíblia, ele memorizava, ele punha a gente pra ler e ele ouvia e memorizava, então ele gostava muito de ouvir a minha mãe ler os romances.

Portanto, é interessante o sentimento de carinho que seu pai tinha por sua mãe quando ela lia histórias românticas e ensinava outros membros de sua comunidade,

demonstrando o que já havia sido comentado neste trabalho sobre a problemática de uma espécie de “conceito universal de machismo” (o qual seria responsável por inferiorizar mulheres com um maior grau de instrução). Não é possível colocar todas as sociedades e culturas neste parâmetro universalizante.

Após uma discussão familiar em que o pai de Terezinha traiu sua mãe com sua tia, o irmão de seu pai puniu ele o proibindo de continuar andando com o grupo, lhe entregando um terreno em Mato Grosso para morar com sua família. Assim, desde os 4 anos de idade, Terezinha parou de viver em uma barraca e começou a viver em uma casa.

Apesar de nunca mais ter morado em uma barraca, ela afirma que os hábitos ciganos continuam vivos, inclusive entre seus outros seis irmãos, sendo, no total, seis mulheres e um homem.

A gente segue mesmo a tradição, a gente se reúne todo mês na casa de um, isso é uma tradição que a gente ainda mantém. Todo mês, inclusive esse mês de novembro a reunião é aqui na minha casa, a gente reúne os sete irmãos, como nós somos evangélicos agora aí a gente faz louvor, a gente faz oração, seguindo as mesmas [tradições] antigas que a gente reunia, cantava moda de viola, fazia muita comida, essas coisa. Agora a gente reúne e faz muita comida, canta louvor a Deus, faz oração, mas nós não perdemos nada da tradição cigana.

É interessante perceber que, apesar de morarem em casas, o costume de viver em comunidade continua, de certa forma, vivo. Ao visitar cada mês um irmão diferente estão estabelecendo um comportamento de forte influência itinerante.

Terezinha foi para Cuiabá quando tinha 12 anos, ela começou a trabalhar como doméstica já nessa idade e não frequentava a escola, apesar de ter sido alfabetizada por professoras na fazenda onde morava anteriormente.

Ela frequentou por apenas 6 meses a escola regular, mas acabou desistindo.

Aos 22 anos se casou com um *gadje*, ele a incentivou a voltar a estudar e Terezinha entrou na Escola de Jovens e Adultos, o EJA. Após concluir seu supletivo, ela fez graduação em Serviço Social na Universidade Federal de Mato Grosso, sendo a primeira pessoa cigana a cursar ensino superior em MT.

Quando eu casei com, hoje eu sou separada, mas o meu ex-marido ele achava que eu era muito inteligente, ele falava “você tem que estudar”, aí eu fiz um

teste de quinta à oitava e eu não consegui, a média era cinco e meio e eu consegui só cinco.

Aí ele me ajudou a estudar alguma coisa de gramática, aí eu fiz de novo, aí eu tirei seis, eu fiz de quinta a oitava no supletivo, depois eu fiz segundo grau normal e aí eu fiz o primeiro vestibular e passei na federal.

Terminada sua graduação, trabalhou 22 anos com habitação social pela Caixa Econômica Federal, criou uma empresa especializada em consultoria social, a Arca Consultoria Social, e hoje tem uma empresa ligada ao ramo da farmácia que sua filha administra, além de estar concluindo seu mestrado.

Após se separar aos 34 anos em razão de uma traição cometida pelo seu ex-marido, ela passou a morar sozinha com suas duas filhas, hoje ambas são formadas.

Eu nunca gostei da forma que os ciganos tratam as mulheres. Mas eu sou meio atípica porque eu sou meia revoltada e eu não sou uma pessoa muito... eu nunca fui muito de aceitar. Eu toda a vida fui mais... não fui muito submissa, talvez seja essa a palavra. Porque primeiro que eu comecei trabalhar eu já tinha onze anos, eu já era babá. Aí com doze anos que eu vim pra Cuiabá eu já fiquei independente dos meus pais, eu já cuidava da minha vida. Então eu já sabia mais ou menos o que eu queria, e uma coisa que eu não queria era homem mandando em mim, tá? Então isso foi uma coisa assim muito... tanto é que quando o meu ex-marido me traiu eu não tive dúvida de que eu separaria. Eu não aceitei. Eu simplesmente não aceitei. Eu separei mesmo, não teve quem fizesse, e eu sou evangélica, você sabe que os evangélicos a gente trabalha a questão do casamento pra sempre e tudo, mas nem sendo evangélica eu superei, essa força minha de não querer, de não aceitar aquilo que não que não é bom pra mim.

É possível identificar semelhança entre a história de Terezinha e a história de sua mãe: ambas foram traídas por seus maridos. Entretanto, enquanto sua mãe continuou com seu pai mesmo após a descoberta da traição, ela decidiu se separar.

Em minha pesquisa bibliográfica ser mulher separada é, muitas vezes, motivo de vergonha entre os ciganos Calon, por isso, perguntei à ela qual a reação de sua família depois de ter decidido se separar:

É, no começo foi bem complicado, minha família não queria de jeito nenhum. Tanto é que eu demorei um pouco pra falar com eles, porque eu já queria já

estar com tudo definido para mim não escutar os conselhos, que eu não queria nem escutar os conselhos, porque ninguém era a favor de separar até porque minha mãe segurou meu pai, ele traía ela de levar a namorada em casa antes dele vim pra igreja. Depois que ele veio pra igreja não, mudou tudo. Mas antes dele vir pra igreja, meu pai era terrível. E meus tios também, levavam namorada, meu Deus do céu, era uma muita assim de querer trair e achar que está tudo bem.

Aí a minha mãe também ela, mesmo porque na verdade no período deles há muitos anos atrás uma mulher separada era uma mulher que não tinha respeito, né? Então ela preferia ficar junto, mas ele também não quis separar não. Meu tio separou da mulher, porque isso aí é a questão, a mulher tem que perdoar, o homem não tem. É uma característica brasileira mas é muito forte nos ciganos, acho que é até mais forte [entre os ciganos], eles não aceita esse negócio de traição não. Eles quer matar, quer tirar honra, quer fazer uns trem esquisito aí.

A traição parece ser um signo comum entre muitos homens, à respeito disso, Terezinha relatou um comportamento interessante entre seus parentes homens ciganos Calon:

É o estilo cigano mesmo que era de namorar, que saía um bando de homem machista... “ah você não vai fazer?” eu tenho um tio que ele falava assim, que ele traiu a mulher dele de tanto eles ficarem insistindo: “você é besta tal tal”. Aí ele disse que saiu uma vez com uma mulher e falou “não gostei, não vou mais”, e ele ainda falava assim “eu vou deixar minha mulher limpinha, cheirosinha pra ir pegar mulher de rua?”

A partir desses relatos, é possível identificar uma coerção vivida por seu tio para se adequar às performances estabelecidas pelos homens de seu grupo, enquanto fica a cargo das mulheres perdoar e não trair o que, se ocorrer, pode até gerar violências.

Em nossa conversa, Terezinha comentou diversas vezes os papéis distintos que homens e mulheres seguem, afirmando a existência de comportamentos, considerados por ela, machistas dentro da comunidade.

Os guri desde pequeno já eram tudo machista, porque cigano... eu não sei como você está fazendo a sua história, mas hoje como assistente social eu posso te indicar com toda a certeza que eles são extremamente machistas. É

assim, há uma contradição Julia, porque no fundo no fundo quem manda é as mulheres.

Os ciganos se você observar bem em barraca, e até na convivência, na minha família, que eu tenho só um irmão, você precisa de ver a paparicação que é com meu irmão, dá até raiva. Não é só da minha mãe [a “paparicação”], é nossa também, entendeu?

É uma coisa assim que é enraizado na gente, os meninos desde pequeno já quer que as meninas façam as coisa pra eles, já quer pôr as menina pra fazer. Esse é o relacionamento deles, do homem querer sobrepor sobre a mulher, mas assim, a mãe manda nos filhos e nos homens também, eles obedecem. Agora a mulher, a esposa, eles são mais de querer bancar o “machão” mesmo.

A dualidade explicitada por Terezinha revela uma diferença que também foi comentada em conversa que tive com o pesquisador e cigano Calon Aluízio de Azevedo, em que ele afirma que dentro da comunidade cigana há um certo “matriarcado”, pois todos os membros respeitam muito as mulheres mais velhas do grupo, enquanto esse cuidado nem sempre é presente na relação dos homens ciganos Calon com suas esposas.

Essa diferença de gênero entre os homens e as mulheres ciganas Calon foi muito sentida por Terezinha quando ela analisa a vida que seu irmão teve em comparação com a vida que ela e suas irmãs tiveram.

Seu pai dizia “eu tenho cinco carabinas apontada no meu peito”, indicando a preocupação em ter cinco filhas mulheres.

Terezinha e suas irmãs a partir dos cinco anos de idade já cuidavam da casa e ajudavam o pai a carregar lenha na fazenda, enquanto seu irmão viveu situações diferentes:

Meu irmão demorou pra trabalhar, ele trabalhou mais porque ele quis, mas ele trabalhava com meu pai, serviço de casa ele não fazia jamais. Nunca.

Como já mencionado em meu trabalho, homens e mulheres Calon são ensinados desde criança a cumprir papéis muito distintos dentro de seu grupo, as atividades que realizam quando criança vão indicar o que farão quando forem adultos.

Depois que ele [o irmão] casou com uma mulher que não é cigana, a minha mãe ainda ficou um tempão lá fazendo as coisas pra ele [atividades domésticas].

Essa performance que Terezinha e seus irmãos são condicionados reflete a afirmação de que gênero é um ato performativo, não uma condição biológica. Não existe uma predisposição inata de mulheres ciganas Calon a exercer funções domésticas, existe a instrução desde a infância de como devem agir, vestir e se comportar.

Terezinha: Os homens ciganos eles não sabem fazer as coisas de casa.

Júlia: As tarefas domésticas são normalmente mais associadas às mulheres mesmo, né?

T: *É, só das mulheres.*

J.: Os homens fazem mais o comércio, né?

T.: *Eles tem o comércio. E assim, eu acho que eles são preguiçosos mesmo, eles ficam esperando.*

J. Eles esperam que faça, né? Faça as atividades para eles?

T.: *Exatamente. Eles gostam mesmo é de sair de carro, de andar de moto, é de andar de cavalo. Esse aí eles amam, passear, paquerar as meninas. Esse aí é o prato predileto deles, dançar dança como ninguém.*

Além de seu irmão, essa disparidade é sentida quando Terezinha analisa a diferença entre as atividades que sua mãe e seu pai realizavam.

Meu pai nunca fazia, era só a minha mãe. Pra não falar que ele não fazia nada, quando ela ia às vezes pra cidade por causa de tratamento ou alguma coisa, ele fazia as coisa pra nós. Essa é uma relação que eu lembro muito, meu pai cuidava de nós direitinho se a minha mãe não tivesse.

Esse relato de Terezinha afirma, novamente, como os papéis de gênero são estabelecidos de forma performática. Seu pai é capaz de realizar atividades domésticas tanto quanto sua mãe, ele só não é incentivado socialmente a realizar, não é seu papel.

Ainda refletindo sobre o incentivo social, Terezinha relata o quanto ela e suas irmãs foram incentivadas a casar desde cedo.

Em festas os primos eram apresentados às meninas, pois o pai tinha o desejo que elas se casassem com ciganos. Além disso, quando elas iam em casamentos, a família insinuava que elas deveriam casar logo.

Era o sonho do meu pai, meu pai vivia querendo casar [nós] com os primo. Mas não deu certo, só teve uma irmãzinha que namorou com um primo nosso, mas também não deu certo.

Todo casamento tinha “aí está na hora de conhecer [os primos] ver qual que é o próximo casamento”.

Essa pressão ocorreu mais entre tios e outros parentes que não seus pais. Terezinha casou com vinte e dois anos e, por isso, ela conta que seu pai foi muito criticado pela família:

Os meus pais não tinha muito essa questão não [de querer que ela casasse cedo], mas a minha família, os meus tios com meus primos eles já falavam assim que o meu pai já estava com as “duplicatas vencidas”, que já tava velha demais e não casou, eles criticavam muito meu pai”.

Apesar da pressão familiar, Terezinha afirma que entre sua família “*não tinha ninguém casando criança*” sendo sempre entre maiores de dezesseis anos.

Embora ela tenha casado tarde para a comunidade cigana, ela afirma que durante a infância tinha muito interesse em casar e ficava deslumbrada com as festas:

Eu achava maravilhoso! Ficava doidinha pra ir em casamento, tinha uma fazenção de doce, porque quando a gente morava no mato a gente não comia muito doce, aí no casamento eles fazia lata de vinte litros de doce, doce de leite... doce não sei do que... menina era tanto doce! Aí tinha refrigerante que era uma coisa que a gente não via e nos casamentos tinha, eu achava o máximo! E as roupa? Eu achava lindo demais, eu amava mesmo.

A festa de casamento cigana, em toda sua extravagância, mexe principalmente com o imaginário das meninas, que se encantam com os vestidos e as decorações da festa..

Porém, ao alcançar a idade que normalmente as pessoas de sua família se casam, ela começou a ter certa aversão a ideia de se casar:

Depois que eu cresci que eu peguei dezessete, dezoito anos, eu perdi gosto, não tive mais assim...mas eu casei de noiva tudo, vestido...

Anteriormente neste capítulo, Terezinha havia mencionado que “*nunca fui muito de aceitar*” e justifica este fato por ter trabalhado de doméstica desde cedo. É possível perceber que o contato com outros signos que não os ciganos impactaram significativamente sua vida, desde ter trabalhado aos 12 anos a ter casado com um *gadje*.

Mesmo que cause conflitos (como a indignação de seus parentes por ter se casado tarde), o contato com diferentes identidades fez surgir novas formas de ser e existir. Se antes os casamentos em sua família aconteciam com pessoas acima dos 16 anos, ela trouxe novos significados ao grupo.

E isso é perceptível não só por seu próprio casamento, mas também pelo casamento de suas filhas, que já incorporaram esses novos significados, além de terem estudado regularmente.

A minha primeira filha casou sem ser com um cigano, a segunda casou com cigano e não deu certo, separou, mas casou com cigano [...].

A minha primeira filha que se chama Thaís, ela casou com dezoito anos. Ela na verdade já estava fazendo dezenove mas ela engravidou com dezoito anos. A Fernanda que é a segunda, não, ela já casou com trinta anos. Porque agora já mudou muito, né? Não tem mais aquela cobrança de mulheres... e ela também é empresária, ela também tem duas faculdades e está fazendo a terceira. Então a cabeça já é outra, né? Não tem mais essa coisa de que tem idade pra casar, tem essas coisa não.

Sobre a criação de suas filhas, Terezinha comenta:

As minhas meninas eu não criei elas no ritmo cigana, porém, elas participam, agora mesmo a minha filha foi presidente da associação, Fernanda minha segunda filha, foi presidente da nossa associação de ciganos por três anos consecutivos e no quarto ano ela já não podia mais né? E ela se interessa, ela se esforça, ela bate[...]. Aí foi dessa forma que eu criei elas, não foi ciente que era, não falava alguma coisa da língua, elas falam um pouco. Eu falo chibi praticamente tudo.

A escolha de não passar os costumes ciganos para suas filhas se deu principalmente pelo medo do preconceito:

Com as minhas filhas eu ensinei algumas coisas, mas já não foi mais muito assim... porque assim, quando eu fui pra pra estudar eu nunca me identifiquei como cigana, sabe? Algumas pessoas que eram mais íntimas sabiam, mas eu não me apresentava como cigana, até porque a gente sofre muita discriminação, né? Então é mais fácil você omitir, e hoje a gente já está tendo uma abertura, Júlia, de reconhecimento, já temos várias pessoas estudando, já temos algumas coisas, já temos gente nos defendendo, já tem os ministérios, o ministério federal já nos dando apoio, nós já tivemos algumas conquista, mas a gente viveu situações muito tristes, de achar que a gente é ladrão.

Entretanto, alguns costumes ficaram:

J.: As suas filhas foram incentivadas durante a infância delas igual você foi incentivada na sua infância a trabalhar com serviços domésticos? Como foi isso?

T.:*Foi, isso foi reproduzido por mim sim. Passei a limpar, lavar desde pequena, eu ensinei desde pequenininha já ensinava a lavar a calcinha, já ensinava que tinha que varrer a casa, que tinha que forrar a cama, levantar e forrar a cama, a ter obrigação. Esse daí foi.*

J.:E desde quantos anos elas realizam isso?

T.:*Ah eu acho que a partir dos cinco anos eu pus, já ensinava. Lógico que eu nunca coloquei elas pra fazer coisa que não dava conta, mas eu já comecei a ensinar.*

J. Mas elas não viveram o mesmo que você viveu e de ter que trabalhar com onze anos?

T. *Minhas filhas não, minhas filhas já todas as duas começam a trabalhar com dezoito anos. Na verdade, a Fernanda começou o estágio com dezessete, mas nunca trabalhou fora isso não.*

Ela também transmitiu conhecimentos medicinais às filhas:

Eu ainda faço xarope... ainda medico muito com chás, ainda dou muito chá para a minha família, ainda tenho essa tradição de raiz, eu tenho. Esse eu passo para as minhas filhas, eu ensino.

Como já dito por Terezinha, Fernanda, sua filha, foi presidente da Associação Estadual das Etnias Ciganas de Mato Grosso (AEEC-MT), o que revela a proximidade com a cultura, mesmo diante do medo do preconceito.

Depois de minhas perguntas sobre a criação de suas filhas, Terezinha me contou como tem sido a criação de seu neto:

Deixa eu te falar uma coisa interessante que eu tenho neto e agora que você está me fazendo essas perguntas eu estava observando que as minhas duas netas fica paparicando o meu neto... está no sangue, entendeu? Dele ir lá não acha a roupa e fala “não achei” aí a outra [irmã] corre lá e pega. Inclusive eu estava falando pra eles isso, eu falei “deixa ele procurar até ele encontrar”, ele tem onze e ela tem oito, e aí ela vai lá e acha e traz pra ele. Ta reproduzindo né? Meu neto! [...]

E eu estava falando pra eles “vocês pode parar” aí vai tomar banho, ela [a filha] vai lá e fala, “Arthur, vem tomar banho” eu falei, pode parar. Deixa ele vim por conta dele, eu interfeiri porque estou vendo elas conduzindo da mesma forma.

Para finalizar, Terezinha me conta sobre sua percepção à respeito das mulheres ciganas e onde ela se vê inserida neste meio:

Então acho que acaba fica muito assim, ó: “ah, mas eu sou mulher mesmo, é assim que vai ser e pronto” [falando sobre a conformidade das calins] entende? Eu sou rebelde, não, eu não sou rebelde porque eu sou cristã graças a Deus, mas eu não sou muito de aceitar [...]. Eu vou falar a diferente para você, eu sou revolucionária.

É notório que Terezinha e suas filhas subverteram o que é ser uma mulher cigana Calon, trazendo novos significados ao grupo. Elas seriam o que Mead (2000) considerou como inadaptadas.

Como já dito anteriormente, numa cultura em que os papéis de gênero são rigorosamente definidos, sempre haverá aqueles que não conseguirão se encaixar, desviantes que procurarão novas formas de existência que não aquelas que já foram criadas antes de seu nascimento.

Terezinha e suas filhas hoje vivem novas formas de ser ciganas, diferentes daquelas apresentadas por Ferrari (2010), mas, independentemente dos costumes, elas ainda são mulheres ciganas Calon.

Considerações Finais

Este trabalho foi realizado com a intenção de trazer maior visibilidade aos costumes e à cultura cigana Calon, especialmente às mulheres calins.

Os modos como elas se organizam, se vestem e agem refletem mecanismos específicos que estão presentes em todas as sociedades que insistem em fazer uma separação por gênero, que nada tem de natural, ou seja, biologicamente determinado.

Através do estudo da forma como elas são socializadas, é possível identificar semelhanças e diferenças entre o que elas vivem e o que mulheres da cultura Ocidental vivem. Mas, principalmente, é possível identificar que ser mulher é um ato performático em qualquer sociedade.

Não existe um padrão global do que é ser mulher. Em cada grupo social elas terão características muito distintas e, é por isso que, inclusive, não faz sentido uma universalização do que é ser mulher, nem a existência de pessoas ou movimentos sociais que insistem em dizer que falam por “todas as mulheres”.

É necessário dar espaço às diferentes formas de ser mulher. O objetivo desta pesquisa foi, de forma singela, dar esse espaço, mulheres como as descritas por Ferrari (2010) e a entrevistada Terezinha Alves demonstram a pluralidade de seres dentro do que se é chamado “mulher”.

Que possamos refletir sobre nossas performances e identificar o que é melhor para nós, independente se é aquilo que esperam de nós ou não.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. Caderno de Leituras n. 78. Chão de Feira, 2018.

FERRARI, Florencia. **O mundo passa: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, 2010.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. 4 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.